

Pensando a Educação Marista com um Olhar Interdisciplinar

EVILÁZIO FRANCISCO BORGES TEIXEIRA*



RESUMO – O texto faz uma reflexão sobre o sistema social democrático e as responsabilidades educacionais das Universidades e dos educadores, contexto no qual situa a contribuição da educação marista. Como modelo inspirador para aqueles que estão em busca de um “porquê” e “para quê” viver, surge a figura de Marcelino Champagnat, educador e apóstolo da juventude, a partir do qual se abrem perspectivas para os novos tempos.

Descritores – Visão de homem; educação marista; educação superior; interdisciplinariedade.

ABSTRACT – The present text reflects both upon the democratic social system as well as upon the educational responsibilities of universities and educators, context where the Marist education gives its contribution. Considered an inspiration model for all those who seek life’s reason and purposes, Marcelino Champagnat, youth’s educator and apostle, appears as a leader to open new perspectives for our days.

Descriptors – Human being concept; marist education; graduated education; interdisciplinarity.



INTRODUÇÃO

A filosofia procura definir os problemas da sociedade e armá-los para soluções mais prováveis. Apesar disso, nenhuma dessas soluções pode ser definitiva ou dogmática, já que vivemos em uma sociedade em constante transformação.

Os ideais e aspirações de um sistema social democrático envolvem igualdade rigorosa de oportunidade e o virtual desaparecimento de desi-

* Doutor em Teologia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCRS e Diretor do Centro de Pastoral da PUCRS.

Artigo recebido em: julho/2004. Aprovado em: setembro/2004.

gualdades econômicas. Sobre isso, Wells disse que, no mundo, há um páreo entre a educação e a catástrofe iminente da civilização. Devemos reconhecer que nunca se pediu tanto à educação e nunca foram tão pesadas as responsabilidades que estão sobre nossos ombros.

De todos os lados lhe batem à porta. De todos os lados as instituições humanas se abalam e se transformam. Transforma-se a família, transforma-se a vida econômica, transforma-se a vida industrial, a Igreja, o Estado. Transformam-se todas as instituições, as mais rígidas, as mais sólidas e de todas as transformações chegam à Universidade um eco e uma exigência.

A Universidade tem que dar ouvidos a todos e a todos servir. Será o teste de sua flexibilidade, da inteligência de sua organização e da inteligência dos seus servidores. Esses devem, transformando-se a si mesmos, transformar a Universidade.

O professor de hoje tem que usar a legenda do filósofo: “Nada que é humano me é estranho”. Tem de ser um estudioso dos mais embaraçosos problemas modernos, tem que ser estudioso da civilização, da sociedade e do homem; tem que ser, enfim, filósofo. Ao lado da informação e da técnica, o educador deve possuir uma clara filosofia da vida humana e uma visão delicada e aguda da natureza do homem.

Como vivemos numa época de grandes transformações e inúmeros desafios, nunca, como agora, fomos convidados a dar uma resposta significativa e eficaz à problemática da vida. A juventude é interpelada a responder e acolher as interrogações da existência, para que, renovando-se, venha renovar e transformar toda a humanidade.

A qualidade de nossa existência humana depende basicamente dos nossos relacionamentos. Onde cessa a comunicação, a fantasia ou a imaginação toma conta. A comunicação é a base essencial da nossa felicidade. Temos necessidade de conhecer e ser conhecidos e a satisfação dessa necessidade nos traz uma sensação de realização humana.

Além da relação com o próximo, nesse peregrinar da nossa existência, o próprio Deus caminha conosco e suscita dentro de nós profetas e testemunhas que nos arrastam. Marcelino José Bento Champagnat, educador e apóstolo da juventude, é nosso grande modelo. Esse grande homem de Deus e do povo, que corajosamente respondeu sim a sua vocação e se dedicou com entusiasmo ao estudo e à cooperação, já como jovem estudante idealizou a Congregação Marista para a educação da juventude. Ele

Educação

é um modelo inspirador para aqueles que estão em busca de um “porquê” e “para quê” viver.

Champagnat realizou seus ideais e proporciona, há dois séculos, Educação Marista a milhões em todo o mundo. Que os jovens do mundo tornem-se aquilo que tanto queria: “bons cristãos e virtuosos cidadãos”. De Marcelino aprendemos que tudo é possível para aquele que tem fé.

VISÃO UNITÁRIA DE SER HUMANO

Falar do ser humano significa apelar para a interdisciplinariedade. O ser humano é uma unidade em toda a sua estrutura, em todo o seu ser e o seu agir. Ao longo da história, foram se construindo algumas visões de ser humano: visões reducionistas, visão unitária e visão de unidade intrapsíquica do ser humano.

Visões reducionistas

Segundo as visões reducionistas, o conceito de homem era reduzido a uma de suas partes. O homem todo, a personalidade humana, era caracterizada e reduzida ao elemento predominante, de acordo com cada visão.

A visão racionalista define o homem pela sua inteligência e pela racionalidade: o homem é um ser racional. Assim, o homem seria tanto mais homem quanto mais predominarem os processos racionais, lógicos e de agudeza da inteligência. Essa é uma visão tipicamente reducionista, pois nega a dimensão afetiva e emocional.

A concepção voluntarista afirma que a vontade é o processo psicológico fundamental e tem papel central na dinâmica humana. Essa concepção se manifestou na Psicologia, na Filosofia, na Teologia e na Ética. Na Filosofia, o nome que merece destaque é Nietzsche que faz uma verdadeira apologia da Vontade de Potência. Já na Teologia e na Ética, esta concepção defende a superioridade da ação e dos sentimentos sobre o pensamento. Adler, em sua teoria, dá muito valor à vontade de fazer-se valer a partir das motivações das expectativas do futuro e das experiências do passado. Nessa mesma concepção, também estão todos os defensores do “querer é poder”.

Educação

A concepção freudiana baseia-se na visão do homem como instinto e apresenta a libido como energia, força básica da personalidade humana. Todo o dinamismo da personalidade seria regulado pelas forças pulsionais e instintivas na busca de gratificação e de prazer.

Constantemente no conflito instintos x sociedade, o indivíduo vive sob tensão e ansiedade. A vida humana se passaria, portanto, na tentativa de superar o conflito, atingindo o equilíbrio. O homem se preocupa essencialmente em defender-se da punição da sociedade e da culpa conseqüente. Devido a isso o indivíduo torna-se egoísta, pois apenas contribui para alcançar o objetivo de buscar a satisfação dos seus instintos. Freud também acreditava que as energias do homem eram todas empregadas nesse conflito e por isso seria impossível que o homem se dedicasse a uma vivência transcendental. Para ele, o conceito de homem é essencialmente pessimista.

A teoria social de Rousseau vai ao outro extremo e mostra uma visão essencialmente otimista de ser humano. Afirma a bondade natural da pessoa humana e a corrupção da sociedade. Acredita que a educação deve ser conforme a natureza e não a partir das convenções sociais. Deve predominar o contato com a natureza e a espontaneidade. Os sentidos, as emoções, os sentimentos e os instintos prevalecem sobre a razão e o pensamento elaborado, pois são anteriores e conformes à natureza. Por isso, a educação não pode contrariar a natureza humana. Rousseau sugere uma educação centrada nos interesses da criança para que esta possa ser ela mesma e não venha a ser escrava da sociedade.

A teoria behaviorista também é uma visão determinista e reducionista do ser humano. Skinner é da linha comportamentalista do estímulo-resposta. Segundo ele, a aprendizagem se efetua quando houver mudança de comportamento. Essa teoria apresenta lacunas; move-se somente no campo dos valores naturais e desconsidera os valores autotranscendentes teocêntricos. O inconsciente para essa teoria afeta o sistema motivacional da pessoa humana. O inconsciente mostra-se muito resistente à mudança. Para mudança efetiva, é necessário ordenar também os componentes inconscientes.

A teoria humanista surge como reação natural das críticas feitas à teoria mecanicista freudiana. O modelo humanista, denominado de auto-realização, procura mostrar que no homem há algo mais do que apenas um conflito básico entre forças opostas. Para os humanistas, a vida humana tem seu significado em desenvolver, progressivamente, a força básica

Educação

do homem: a busca de sua auto-realização. Portanto, o homem deve procurar manter-se realizar suas capacidades e projetar-se como individualidade. É uma visão essencialmente otimista. Exalta o valor da liberdade individual e da personalidade. Esta visão idealizada do homem, na prática, nega que o indivíduo carregue em si limitações, não necessitando assim de ajuda alguma. Para os humanistas, o conceito básico da personalidade é o *self*. O indivíduo é, em si, uma unidade com tendência própria, interior, para auto-realização. O homem, nesse caso, é reduzido a si mesmo, sem possibilidade de autotranscender-se nestes valores. A abertura que parece ter limita-se ao aspecto pessoal e social, sem significado de transcendência.

Hoje, há em torno de trinta teorias psicológicas, cada qual com seus pontos de vista na consideração do ser humano. Todas elas não podem ser, ao mesmo tempo, verdadeiras. Umas se afastam mais do que as outras da visão cristã do homem.

Visão unitária do homem

Há autores que oferecem uma visão e concepção de homem menos parcializada, mais global e consistente. Entre outros, salientamos Joseph Nuttin que concebe o homem como um ser que se move em três planos diferentes, aos quais denomina níveis de vida psíquica. O primeiro nível é o fisiológico, no qual a pessoa vive atividades psíquicas mais condicionadas por sua realidade fisiológica. No segundo, o ser humano vive atividades psíquicas mas condicionado por sua realidade psicossocial. É o nível psicossocial. Entretanto, há acontecimentos psíquicos tais como o amor, a justiça, a fraternidade e a liberdade, que requerem e exigem, por sua própria natureza, a capacidade de abstração, de organização, de ordem e de universalização. O terceiro nível, é o nível racional-espiritual.

Assim, no primeiro nível, aparecem as necessidades do corpo que tende e procura subsistir e perpetuar-se; no segundo, aparecem as necessidades do ser que procura co-existir e, por isso, requerem outro tipo de trocas, superiores às vividas no nível anterior. No nível racional-espiritual, a pessoa busca a essência das coisas, seu núcleo central, em demanda de satisfação de necessidades mais profundas do ser humano que não podem ser satisfeitas nos dois primeiros níveis.

Educação

O nível no qual a pessoa preferentemente se encontra e se move coordena as forças motivacionais de seu agir. A criança se situa e se move no primeiro nível. O adolescente tende a mover-se no nível psicossocial. O adulto, por sua vez, toma suas decisões segundo as forças do terceiro nível. Para Nuttin, o adulto é desafiado a organizar sua vida a partir das perspectivas do nível racional-espiritual, mas sem negar os dois outros (J. NUTTIN, 1967, 302 –22).

Unidade intrapsíquica do ser

Uma coisa é o conceito que fazemos do homem, outra coisa é como ele funciona. A realidade nos mostra que o homem conceitual nem sempre corresponde ao homem funcional. Não é raro, o conceito que fazemos do ser homem é um e, em sua realidade existencial, funciona como outro bem diverso.

A visão cristã do homem, pelo menos no período após o Vaticano II, tende e convida a considerar o ser humano como globalidade. Henri Ey, indo além de sua especialidade e acenando para uma consideração interdisciplinar, afirma: “o consciente e o inconsciente não podem ser radicalmente separados e implicam a constância ontológica de dialética que está na base das opções e das experiências do homem” (Cf. L. M. RULLA 1987, 129).

Só é possível prestar verdadeira ajuda ao educando na medida em que ele for realmente compreendido em sua globalidade.

Sob o ponto de vista filosófico, o homem pode ser definido por um conceito genérico e universal, mas a organização e a integração dos elementos dinâmicos constitutivos, tais quais se concretizam na vida, tornam, vivencialmente, cada homem singular. É a Psicologia que mais contribui para explicar as razões desse agir e dessa singularidade.

Nem sempre as experiências do passado são passadas, em certos casos são mais vivas, mais presentes e mais atuantes do que o presente histórico de cada um. Afetam diretamente o ser ético, o agir da pessoa e até explicam a impossibilidade ética presente, o status quo de certas pessoas.

Os autores já mencionados, entre outros, “chamam atenção para o elemento emotivo da pessoa sob a forma de suas experiências vividas, conscientes e inconscientes... e ajudam a entender não só o que é o homem, mas também quem é o homem individual como pessoa única e

Educação

irrepetível” (RULLA, 1987, 129 – 130).

Parece que se há uma classe que não deveria desconsiderar e omitir as influências do inconsciente na dinâmica do homem, essa deveria ser a classe dos educadores. Não há outra forma de compreender e explicar o modo de ser e as reações emotivas de inúmeros educandos e, o que é mais importante, não há outra forma de compreendê-los para poder ajudá-los a sair da situação complexa em que muitas vezes se encontram.

Se há um direito que o homem moderno reivindica para si é o direito de liberdade. Todos desejam e querem ser livres e a isto aspiram, mas na realidade concreta da vida, quantos são livres? Aqui é necessário fazer a distinção entre liberdade essencial e efetiva.

A liberdade essencial todo homem a tem, isto é, todos os homens foram criados para serem livres, está em cada um deles a potencialidade de tornarem-se efetivamente livres. Porém, quantos são realmente pessoas livres, com real capacidade de discernir, refletir e optar livremente em cada situação da vida? A liberdade essencial é fato na vida de cada pessoa, enquanto a liberdade efetiva é conquista gradativa, penosa, que dura toda a vida. É tarefa a ser assumida por cada um no dia-a-dia da realidade concreta que lhe toca viver. Em nível ontológico, o chamado à liberdade existe sempre e em toda pessoa; é o princípio constitutivo e orientador do ser humano.

Entretanto, em nível existencial e efetivo, esse princípio necessita passar da potência ao ato, a fim de que a liberdade se torne potencialidade atualizada e se transforme em liberdade efetiva. Como potencialidade que faz parte integrante da essência do homem, está sempre presente e não necessita ser trabalhada. É dom, porém, como capacidade realizada, transformada em ações livres, carece de esforço e exercício constante, porque a tentação para a não-liberdade é mais atraente e traz recompensas mais imediatas do que a adoção de uma dinâmica que torne, realmente, a pessoa livre. Por isso, em geral, todos querem mas nem todos a alcançam, porque situações inconscientes conflitantes impedem a muito alcançá-la. No nível consciente aspiram à liberdade, mas, no nível inconsciente, preferem viver na situação de não-liberdade efetiva e com ela se contentam (RULLA, 1987, 233-6).

Educação

PESSOA HUMANA COMO RELAÇÃO

O homem é essencialmente um ser relacional. Não pode ser pensado como algo isolado, sozinho, a não ser numa situação anormal, doentia e estranha. Toda existência humana é uma complexa rede de relações. Para Aristóteles: o homem é por natureza um animal social. Aquele que não precisa dos outros homens, ou é um deus, ou um bruto. Assim, é natural em todos a tendência a uma comunidade. (ARISTÓTELES, 1970, 1253a).

Relação consigo mesmo

O ser humano relaciona-se consigo mesmo de forma positiva aceitando a si mesmo, ou de forma negativa, não se aceitando ou se auto-rejeitando. Nenhuma pessoa é indiferente em relação a si mesma: ou se sente bem, se estima e se valoriza ou, ao contrário, se detesta, sente-se um peso, fonte de mal-estar.

Relações com os outros

O EU da pessoa se forma a partir das relações com o TU, mas sem criar oposição, divisão ou conflito. O TU é necessário para o EU dar-se conta de que é outro, distinto. O outro tem lugar importante na minha existência. “O lugar dos outros é indispensável para nossa realização existencial” (VON ZUBEN in BUBER, 1979, XII). Juerg Willi, citado por Elisabeth Lukas, nesta mesma linha de pensamento, afirma que experimentamos nosso próprio eu ao sermos solicitados por outras pessoas (Cf. LUKAS, 1990, 30).

Nas relações com o outro, a pessoa deve buscar sua autonomia sem destruir a autonomia do outro. A liberdade de que a pessoa humana é dotada está limitada pela existência e pela presença do outro. Quanto mais a pessoa se harmoniza em seu interior, tanto mais é capaz de construir laços significativos, porque mais se aproxima do outro, mais realiza sua natureza constitutiva, e mais capaz se torna de conviver com o outro.

A relação educativa e pedagógica é basicamente uma relação de EU com o TU. Se equilibrada e madura, provoca o crescimento. Se desequilibrada, imatura e conflituosa, haverá o predomínio de um sobre o outro e tira a chance de proporcionar reais condições para o crescimento de am-

Educação

bos.

Relação com a realidade: o mundo

O homem, por sua constituição, é uma síntese do universo e dos três reinos da natureza: mineral, vegetal e animal. Além disso, possui uma dimensão que lhe é característica própria: a dimensão racional-espiritual. Esta característica é que faz do homem o ponto culminante, o “rei da criação”.

O homem ocupa uma posição de “senhorio” em relação a todas as coisas, sendo que estas estão ordenadas para servirem o homem. Com sua inteligência, ele transforma, usa e combina as coisas de modo a construir o progresso e melhorar o universo. Muitas vezes, porém, as relações que o homem tem com as coisas não tem o objetivo de fazê-lo crescer, de ordenar o universo, mas de destruí-lo.

Quando as relações com o mundo são conduzidas pela subjetividade podem apresentar distorções, torna-se conflituosa e, até mesmo, rejeitadoras da realidade. Neste caso, o correto uso das coisas pode estar seriamente comprometido. A harmonia entre o homem e a realidade é um ideal que cumpre buscar constantemente e que exige do homem um constante cuidado, uma verdadeira formação.

Relação com Deus

A dimensão racional-espiritual do homem o torna capaz de se relacionar com Deus, com o transcendente. A aceitação de si mesmo, a concepção positiva de si e a experiência de sentir-se amado formam a base da capacidade de se relacionar de forma pessoal com Deus e de sentir-se amado por Ele.

O educador marista, através de sua própria experiência, perceberá que uma das chaves da eficácia de sua ação educativa, junto ao educando, está na qualidade do relacionamento que é capaz de manter com ele e com a instituição onde trabalha. É no relacionamento sadio que surge a possibilidade de uma co-evolução, na expressão de Juerg Willi (Cf. LUKAS, 1990, 30), no sentido da manifestação e do desenvolvimento das características pessoais de cada um e da manifestação do próprio eu.

Educação

CRESCER NA AÇÃO

Unidade das diversas dimensões do homem

O homem não pode ser considerado apenas sob o ponto de vista psicológico. Isto por duas razões fundamentais: porque, no homem, a dimensão psicológica não vem desvinculada e divorciada das demais e porque a compreensão do ser humano, mesmo sob o ponto de vista psicológico, encontra sua complementação na dimensão teológico-espiritual.

O verdadeiro sentido da vida do homem emerge quando este não nega sua finalidade intrínseca, mas a segue e a realiza. A verdadeira compreensão do homem não pode dar-se partindo apenas da compreensão de seus dinamismos emocionais. Não se pode conceituar o homem apenas pelo seu lado emocional, pois as emoções são essencialmente mutáveis, também pode-se conceituar apenas pelos seus dinamismos cognitivos e racionais, pois esses prestam-se para negar e neutralizar os dinamismos emocionais principalmente quando as pessoas não sabem como encará-los. O homem também é compreendido em sua totalidade a partir do finalismo presente no seu modo de ser e agir, seja explícito ou velado: que valores se propõem alcançar na sua vida.

A não integração dessas dimensões gera conflito. Este adquire maior ou menor amplitude e gravidade segundo o distanciamento dos elementos com os quais Deus dotou o homem, para estarem unidos e funcionarem unificados e não dicotomizados e desvinculados. A tomada de consciência das próprias emoções e o saber viver e trabalhar na vida, como unidade afetivo-emocional na busca do finalismo, nem sempre é fácil.

O homem cria partindo de todas as suas dimensões

É da natureza do homem criar, crescer, dominar a realidade existente e descobrir realidades novas (cf. *Gn* 1,28). Esses dinamismos naturais, o homem, os realiza, no que faz, no que cria e no que vive, enfim, na forma de atuar em qualquer situação em que se encontre.

O viver concretamente a dimensão finalista implica mudanças de comportamento e de atitudes, implica, necessariamente, a modificação de dinâmicas, a fim de alcançar e concretizar valores para os quais a teoria

Educação

acena. Somente assim a Ciência psicológica colabora com o Plano de Deus, isto é, ajuda o homem a chegar onde Deus pensou em conduzi-lo no momento da criação.

Na dimensão afetivo-emocional, o homem começa a criar desde a infância até a velhice. Erickson considera o ser humano dentro de um contínuo processo de maturação que vai da infância à velhice, do berço ao túmulo (Cf. GALLANTIN, 1978, p. 183). Mesmo diante do despertar de emoções negativas, aprende a criar novos e sadios canais de expressão de sua emoção. Não se contenta com a simples expressão de suas emoções, assim como brotam e emergem, vai criando outras vias de expressão que levam em consideração o bem-estar próprio e dos outros. É adequado educar-se para conseguir expressar as próprias emoções de forma controlada e construtiva, para si e para os outros.

A dimensão cognitivo-racional, colabora na criação de novos conhecimentos, na descoberta de relações lógicas e norteadoras dos dinamismos inatos do ser humano, os quais precisam contribuir para relações de amor e afeto, de união e solidariedade, de bem-estar social e não apenas na busca de satisfação dos próprios interesses egoístas e destruidores da fraternidade e da solidariedade humana.

Na dimensão finalista, o homem é chamado a descobrir valores e descobrir as próprias potencialidades, atualizá-las, assumindo-as como objetivos vitais. Dessa forma, dá sentido a tudo que faz, diz e realiza.

Agir e trabalhar já basta?

A vida e a história estão cheias de exemplos que nos mostram que a ação criadora, voltada somente para o sujeito e dirigida para fins egocêntricos, não realiza o ser humano, não plenifica e não o faz feliz, porque ele passa a ser tratado como bem de produção.

O homem é chamado a criar. Expressa-se nas artes, na economia, na técnica, na política, no esporte, na ciência pura e na religião. Para que todo esse progresso faça o homem crescer, é necessário que seja focalizado numa perspectiva construtiva e partilhada. Só assim responderá às aspirações profundas da natureza humana radicadas no coração do homem.

No aspecto educativo e pedagógico, o grande desafio do educador é

Educação

testemunhar ao educando que as ações orientadas criam relações significativas, fazem crescer e realizam as pessoas porque são portadoras do sentido individual e social. Cabe também ao educador incentivar o educando a descobrir como realizar sua capacidade criativa e seu dinamismo psíquico na ação orientada para a construção de si e da sociedade.

Em busca do transcendente

Por autotranscendência entendo a circunstância antropológica básica de que a condição humana implica sempre dirigir-se para além dela própria, a algo ou a alguém: a um sentido aí se encontra. E somente na medida em que o ser humano assim se transcende, alcança a sua auto-realização: a serviço de uma obra, ou no amor a uma outra pessoa. Em outras palavras, o ser humano, é ser humano em sua totalidade somente quando fica totalmente absorvido por uma tarefa, ou se entrega a uma pessoa. E torna-se ele mesmo quando ele próprio deixa de se olhar e esquece de si (FRANKL in LUKAS, 1990, 35-36).

Um chamado à liberdade

Todo ser humano, por sua própria natureza, sente-se chamado à liberdade, isto é, de manifestar-se e viver sua capacidade psíquica de autodeterminar-se, definir-se e optar, escolhendo o que dá sentido e realização à própria vida (Cf. RULLA, 1987,187).

O conceito de liberdade sustentado seja por uma corrente filosófica ou psicológica não é idêntico. Por isso, é necessário dizer que a perspectiva aqui seguida e visualizada é a perspectiva cristã. Então, serão relativamente freqüentes os acenos, os estímulos e os indicadores que apontam para o uso da liberdade, tendo como meta, crenças e valores que caracterizam o ser e a vida do cristão.

O chamado à liberdade atinge o ser humano apenas na instância dos valores naturais. Em realidade, o homem empenha sua liberdade e responsabilidade face ao valor moral e religioso da liberdade e da responsabilidade. O valor moral afeta o sujeito no que tem de mais seu, no seu agir livre e no seu ser livre (RULLA, 1987, 190).

Educação

O valor religioso diz respeito à relação do sujeito com o princípio supremo do valor. O que caracteriza este valor é a atitude do sujeito não mais em relação a si, mas em relação à própria Divindade. A vivência dos valores morais e religiosos dá à vida da pessoa que os vive uma qualidade e uma forma de vida e de expressão não encontradas em quem não os vive. Para assumi-los e vivê-los a pessoa necessita sair de si, esquecer-se e ultrapassar-se, isto é, autotranscender-se para chegar ao outro.

O chamado à liberdade, radicado no coração do homem, abarca e supõe o passo para os valores autotranscendentes. Sem estes, o exercício de sua liberdade torna-se muito restrito e limitado. Livre é a pessoa que é capaz de sair de si para assumir o chamado profundo que brota de seu interior, de chegar até Deus que a criou.

No fundo de cada ser humano existe o desejo e o chamado de realizar plenamente todas as potencialidades de sua natureza. Entre as necessidades fundamentais do homem, a mais importante é a da realização: um contínuo impulso a aproveitar os próprios talentos para metas que têm significado (MANENTI, 1990, 23). Elisabeth Lukas afirma que as pessoas que se apreciam têm tendência a ignorar-se, enquanto as pessoas que não se apreciam, ocupam-se demasiadamente com elas mesmas (LUKAS, 1990, 45).

PRINCÍPIOS QUE FUNDAMENTAM A EDUCAÇÃO MARISTA

Princípio do afeto

As escolas Psicológicas divergem em muitos aspectos, mas há um ponto que todas coincidem: a importância do afeto como base para o desenvolvimento sadio da personalidade da criança. Nenhuma teoria psicológica o substitui por outro fator equivalente. Todas o reconhecem como básico, fundamental e imprescindível. É o afeto que abre caminho para o desenvolvimento (SPITZ, 1988, 87).

Champagnat, embora não fosse especialista em psicologia, possuía uma psicologia natural que lhe fazia intuir as conseqüências malélicas da falta de afeto. Por isso, como educador e como fundador de um Instituto dedicado à educação, viveu o princípio do afeto e procurou recordá-lo

Educação

inúmeras vezes aos primeiros Irmãos, em sua preparação apostólico-catequética. Desejamos e aspiramos que os exemplos de Jesus Cristo, nosso divino modelo, tenham uma terna afeição para com os alunos (Cartas do P. Champagnat, Doc. 63, linhas 31-3).

Champagnat sabia que uma experiência afetiva carente na família ou na escola acarretaria a carência no fator confiança e conseqüentemente, crescimento na desconfiança. Esta tem fortes incidências e inconvenientes na vida de relação. O relacionamento interpessoal de alguém marcado pela desconfiança é pobre, restrito, pois a qualquer momento, para a pessoa desconfiada, podem surgir evidências de que os outros estão contra ela e, por isso, tramam e conspiram para poder apanhá-la em situações de falta, erro... Em decorrência, sofre e vive constantemente uma situação de desassossego e desconforto. A relação educador-educando, vivida dentro dos padrões de desconfiança é desgastante, incômoda e antieducativa. Não ajuda o educando a crescer e nem o educador a plenificar-se na ação educativa.

Princípio do ambiente de família

O princípio psicológico do afeto, em Champagnat, não se apresenta isolado e visto em si mesmo, como se tratasse de se observar a lei pela lei. Não é esse o verdadeiro sentido. Champagnat dava ao afeto uma função bem específica: o afeto, vivido de forma adulta e equilibrada, é fundamental para a criação de um ambiente familiar, como o apresenta a Psicologia: para a criança não interessa apenas o afeto da mãe, mas de todas as pessoas, que no ambiente familiar, entram em contato com ela, independente de serem parentes ou não. Tendo provado a aceitação em ambiente rico de afetividade, aprende mais prontamente a aceitar a si mesma, a tolerar o modo de agir do mundo e a enfrentar de forma madura os conflitos da vida futura (ALLPORT, 1978, 48).

É esse ambiente de família que torna possível a solidariedade assumida e vivida no lar, na comunidade, na sociedade, na relação educativa e mesmo em nível de Igreja. O outro passa a ser sentido e considerado como irmão. É o espírito de família que cria um ambiente de família, assim como é o amor e o afeto que criam a fraternidade.

Outro aspecto sobre o qual Champagnat insistia amiúde era no testemunho de vida: desejava que os Irmãos fossem modelos para seus edu-

Educação

candos.

A educação é, portanto, em primeiro lugar, questão de bom exemplo porque a virtude fortalece a autoridade, porque é da natureza humana imitar o que se vê fazer, e os atos têm mais força para convencer e persuadir do que palavras e instruções (Vida do P. Champagnat, edição do Bicentenário, p.500-1).

No ambiente educativo o adulto precisa dar testemunho do que diz, do que fala e do que prega. Assim sua mensagem se torna unívoca e não incorre em dupla linguagem: uma quando fala e outra quando vive.

Princípio da gradualidade na educação

O ser humano, por sua natureza, é alguém que se interroga. É inquieto. O homem é ser aberto e não fechado sobre si próprio. É inato no homem o querer conhecer: conhecer as leis que governam a natureza, o cosmos; conhecer a si próprio, buscar o sentido de sua existência. O homem se revela como um ser em busca de um sentido. O esvaziamento dessa busca explica muitos males de nosso tempo (FRANKL, 1993, 11).

A sede de conhecer é insaciável no ser humano. A dinâmica deste querer conhecer revela-se nas constantes perguntas que o homem faz sobre a natureza das coisas, mas, mormente, sobre si mesmo, seu fazer e o sentido de sua vida. Albert Camus, certa vez afirmou: Há um só problema verdadeiramente sério e é estabelecer se vale ou não a pena viver (apud FRANKL, 1993, 17). O homem busca o Infinito, procura insaciavelmente descobrir o mistério de sua existência.

Essa busca não se dá por saltos. Ela é gradativa. O educando, progressiva e gradualmente, vai fazendo diferenciações sempre mais complexas. O percurso do desenvolvimento humano dá-se em forma de espiral, isto é, volta para trás em direção ao ponto de partida, mas não retorna precisamente ao mesmo ponto.

Em Champagnat temos muito claro o princípio de gradualidade: “Evitar mandar ou proibir muitas coisas ao mesmo tempo; jamais ordenar coisas muito difíceis ou impossíveis. Exigir a execução total do que se ordenou dentro do justo e do razoável” (FURET, 1914, 229).

Educação

Princípio da dimensão teleológica da Educação

O trabalho educativo somente é completo, quando visa o desenvolvimento integral do educando. Neste desenvolvimento integral está incluído o finalismo. “Nosso objetivo, contudo, é mais abrangente. Queremos educar as crianças e os jovens, isto é, instruí-los sobre seus deveres, ensinar-lhes o espírito e os sentimentos do cristianismo, os hábitos religiosos, as virtudes do cristão e do bom cidadão... Educar não apenas iniciá-los nos diversos conhecimentos do ensino ... Essas noções bastariam, se o homem fosse feito só para esse mundo. Mas outro destino o aguarda. Ele existe para o céu, para Deus” (Vida do P. Champagnat, edição do Bicentenário, 498).

Sem a dimensão finalística, a ação educativa fica sem rumo, não possui um porquê, e nega um componente ontológico do homem, que é a sua tendência à autotranscendência teocêntrica. “Nesta autotranscendência, o homem se desapega do que tem e é, do que pensa, quer e realiza para se autotranscender para Deus, configurando como único elemento capaz de responder às perguntas do homem, de levar a cabo a contínua tensão que impulsiona o homem sempre para frente” (RULLA, 1987, 283).

O homem é feito para a autotranscendência teocêntrica. Isto é ontológico, é parte integrante e constitutiva da natureza do ser pessoa. É uma lei que está inscrita no coração do homem.

No desenvolvimento humano, a criança entra em contato com os valores naturais em primeiro lugar. Consequentemente, a ação educativa inicia com estes valores, mas não pode parar neles, absolutizá-los e transformá-los em fim último. O processo educativo integral precisa apresentar, também, os valores autotranscendentes teocêntricos (morais e religiosos).

Marcelino Champagnat insiste em quatro pontos principais, que solicitam o empenho de todo educador cuidadoso em formar o espírito dos seus alunos:

- cristianizar todo o ambiente da escola (Universidade), a fim de que as idéias cristãs penetrem inicialmente pelos sentidos. Uma ambientação relembre os valores evangélicos;
- impregnar todo ensino, do espírito cristão;
- desenvolver a estima pela fé cristã. O educador marista inspira a seus

Educação

alunos a estima da religião cristã, mostrando-lhes que o cristianismo é a verdadeira luz para o espírito humano e a fonte de maior bem que a sociedade pode usufruir;

- formar líderes cristãos convictos, que sejam fermento de transformação onde estiverem.

O educador cristão não deve visar apenas ao desenvolvimento da consciência e do coração dos alunos, mas deve também fortalecer sua vontade, desenvolvendo as virtudes cristãs. Obter a cooperação do aluno na própria formação, por seu esforço pessoal é realizar de fato sua educação e ajuda-lo a formar um sólido caráter (*Guide des Écoles*, p. 86-87).

Educar, pois, é tomar consciência da sua dimensão pessoal, social e transcendente de cada pessoa humana e vivenciar progressivamente sentimentos de dignidade, liberdade e responsabilidade, consigo mesma e em relação aos outros, à realidade e a Deus.

As características peculiares, ou valores instrumentais de pedagogia marista, para atingir os valores fundamentais são:

- Pedagogia da Presença. Em Champagnat é expressa como meio para tornar aceita sua ação educativa. É uma presença que é mais diálogo do que autoridade.
- Pedagogia da Simplicidade. A simplicidade faz a pessoa afirmar seus dons e pô-los a serviço dos outros sem exigir recompensas.
- Pedagogia da Vida de Família. O espírito de família manifesta-se particularmente no trato simples, franco e dialogante com os educandos, o que permite chegar à sua inteligência e a seu coração.
- Pedagogia do Trabalho e da Constância. Champagnat não via o trabalho em função da produção material, mas como meio de desenvolvimento da própria personalidade humana. Assim a maturação da personalidade do educando provém de seu esforço pessoal, ajudado pelo educador. A constância ou perseverança é necessária, fundamental para que o trabalho possa chegar a bons resultados, para superar obstáculos que se apresentam ao longo de toda a vida e na busca da plenitude humana. O amor ao trabalho, a

Educação

fidelidade e a responsabilidade aos deveres assumidos são elementos importantes para reforçar o espírito de família.

DIMENSÕES DO EDUCANDO MARISTA

Dimensão Física e estética

É do desejo de uma Universidade Marista formar um educando que valorize e respeite o seu corpo e o dos demais, seu desenvolvimento físico, a sensibilidade pelo belo, suas possibilidades de expressão corporal e sua saúde. Além disso, que cultive o seu corpo através de hábitos higiênicos, do esporte, da arte, do lazer sadio, da vida ao ar livre e do cuidado com o ambiente natural e urbano em que vive.

É esperada, também, a aceitação e a valorização do crescimento, das capacidades e das limitações, tanto em si mesmo como nos demais, sem se discriminar e sem discriminar quem quer que seja.

Dimensão afetiva

O educando deve ser capaz de assumir e expressar carinho e ternura, integrando sua personalidade sexuada, mediante uma sadia relação consigo mesmo, com a natureza, com os demais e com Deus.

Deve poder também dar e receber amor, gerar relações de amizade, assumir e valorizar a família como ambiente natural de crescimento e amadurecimento humano.

Dimensão cognitiva

Quanto à dimensão cognitiva, o perfil esperado é de alguém que cultive a memória, a inteligência, a capacidade de síntese, os critérios para reflexão, o juízo crítico e os hábitos do trabalho intelectual. É preciso que desenvolva as habilidades que lhe permitam assumir o trabalho como expressão criativa.

A aquisição de conhecimentos suficientes e necessários no âmbito das ciências, das letras, da arte e da técnica, assim como a capacidade de

Educação

confrontação e de pesquisa são características fundamentais para uma boa construção cognitiva.

Dimensão comunitária e social

A Educação Marista motiva e acompanha o aluno para que, com autonomia, ao mesmo tempo em que integrado aos demais, atue em seu ambiente, respondendo pessoalmente à sua vocação histórica e eterna. Assim, espera-se que o aluno seja criativo para desenvolver respostas adequadas a novas realidades, a partir da originalidade, da busca, do aprofundamento e da iniciativa.

Partindo da consciência da miséria física e moral de tantos que dele estão próximos, o aluno marista deve ser solidário e assumir a dimensão cristã do serviço, superando as diferenças sociais, o racismo, a vontade do poder e da exploração.

O comprometimento com essa realidade deve ser constante, assumindo responsabilidades e enfocando sua formação e sua futura vida profissional numa perspectiva de serviço. Além disso, que o aluno seja capaz de uma postura crítica, responsável e criativa diante dos meios de comunicação social e que tenha consciência de um nacionalismo equilibrado, de seu ser político e de sua participação ativa como cidadão.

Dimensão ético-valorativa

A Educação Marista considera a pessoa humana como valor fundante de qualquer axiologia. Fundamentados na Encarnação de Jesus Cristo, consideramos que tudo o que é profundamente humano é essencialmente cristão. Razão pela qual a proposta de valores terá uma profunda raiz humano-cristã.

Além de ser uma expressão histórico-cultural dos valores, a Educação Marista pretende levar os educandos a apostarem no valor do ser ante o ter, pelo sentido da vida, a esperança, a solidariedade, a responsabilidade, a liberdade, a justiça, a consciência crítica, o trabalho criativo, a interioridade, a reconciliação e a paz.

Educação

Dimensão do transcendente

Guiado pelo Espírito, o P. Marcelino Champagnat foi cativado pelo amor de Jesus e Maria para com ele e para com os outros. Tal vivência, como também sua abertura aos acontecimentos e às pessoas, está na origem de sua espiritualidade e de seu zelo apostólico. Torna-o sensível às necessidades de seu tempo, especialmente à ignorância religiosa e às situações de pobreza da juventude. Sua fé e desejo de cumprir a vontade de Deus revelam-lhe sua missão: “Fazer conhecer e amar Jesus Cristo”.

A Universidade é um “espaço de evangelização”. Por isso, dentro do marco de liberdade que implica toda opção de fé, ela quer propiciar aos jovens uma vivência autêntica do Cristianismo, mediante um ambiente marcado pelos valores evangélicos, a explicitação sistemática da fé e o acompanhamento em seu compromisso de vida. Os educandos devem reconhecer em sua identidade pessoal a dimensão transcendente que os abre à realidade, às demais pessoas e a Deus, além de descobrir seu projeto de vida, inserindo-se conscientemente como construtores da comunidade humana e de serem capazes de experimentar a proposta de valores evangélicos.

É importante, também, que consigam expressar e celebrar a fé, no encontro pessoal e comunitário com o Deus da Vida, que em Jesus Cristo assumiu toda nossa realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Platão em uma de suas obras chamada *As Leis*, afirmava que

o homem pode converter-se no mais divino dos animais, sempre que se o eduque corretamente; converte-se na criatura mais selvagem de todas as criaturas que habitam a terra, em caso de ser mal educado (PLATÃO, 766a).

A educação, antes de tudo, é uma herança. Guardai-vos de vender a herança que nos deixaram nossos antepassados. Um tesouro é guardado dentro. Assim como bem dizia La Fontaine, meu pai foi sábio de mostrar antes de sua morte que a educação é um tesouro.

Existem muitos tipos de métodos. A educação é feita através de pes-

Educação

soas e não através de métodos. Os métodos ajudam, mas não é tudo. A educação é essencialmente relação. É responsabilidade da Universidade - formar o homem e a mulher como pessoas plenas e satisfeitas em sua autonomia e liberdade. Atuar junto aos universitários com amor e com sonhos, tendo uma metodologia convincente. Como preparar a pessoa para uma sociedade em constante mutação? Preparar uma pessoa para a vida futura significa fazê-la dona de si, educá-la de modo que consiga rapidamente o governo completo e rápido de todas as suas capacidades.

Não é possível nem mesmo apropriado que cada indivíduo acumule ao longo de sua vida apenas um estoque de conhecimento. Será preciso, sobretudo, que seja ao longo se sua vida capaz de aprofundar, enriquecer este conhecimento e se adaptar em um mundo em mudança. A educação deve ser permanente: é uma construção contínua da pessoa humana, de seu saber e de suas aptidões, mas também de sua faculdade de julgamento e da ação. A educação deve permitir que a pessoa tenha consciência dela mesma e de seu desenvolvimento. A educação ao longo de toda a vida diz respeito: **conhecimento - aptidões - valores - atitudes.**

Todo o ser humano de certa forma é medido graças à educação que recebeu na sua infância e na sua juventude - uma boa educação nestas duas etapas vai permitir que o indivíduo se constitua como um pensamento autônomo e crítico, capaz de forjar seu próprio julgamento, e determinar por ele mesmo aquilo que estima que deva fazer nas diferentes circunstâncias da vida. Tem por objetivo o crescimento completo do ser humano em toda a sua riqueza e complexidade de expressões e de engajamentos: indivíduo, membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor; inventor de técnicas e produtor de sonhos. Educar implica numa atitude de escuta para escutar o clamor que vem do outro.

Dar a conhecer Jesus Cristo e sua Igreja e salvação que é o fim do homem. Apontar ao aluno o caminho que ele deve seguir. Reconduzir os Desafios: estimular o aluno a um idealismo superior, superando os próprios defeitos e procurar formar uma personalidade bem orientada antes que seja tarde.

Nossa razão de ser é sempre fazer o bem. Tratar os alunos sempre com docilidade e firmeza a exemplo de Cristo. Formar o coração: desenvolver as qualidades ou virtudes positivas que leva ao aperfeiçoamento e a auto-realização da própria vida semeando no coração de jovens o amor ao

Educação

saber, a solidariedade e a esperança.

É importante imprimir bons princípios para prática da virtude e o seguimento de Cristo. “Viver a vida com alegria”. Uma boa formação implica numa sólida formação religiosa. Neste sentido é importante inspirar o jovem na busca da verdade. Os atos nascem do coração tanto para o bem como para o mal. É importante o autodomínio da pessoa para não ir contra a consciência. Formar o coração de uma pessoa é formar a caridade. A prática da caridade cristã forma à tranquilidade e a «prática do bem traz uma profunda felicidade».

A transcendência e o transcendente constituem assim, a essência da existência humana. O essencial não é a duração e sim a plenitude de sentido. Transcendência enquanto saída de si mesmo, procurar o que fica na outra margem e, dessa forma, conseguir um encontro. A vida de todo o homem como um encontro, educação como um encontro, vida da pessoa como esforço para o acesso ao inacessível. Encontro com o mistério

REFERÊNCIAS

- ALLPORT, G.W. *Divernire: Fondamenti di una Psicologia della Personalità*. Finenze: Giunti-Barbera, 1978.
- ARISTÓTELES, *A Política*. Trad. Julián Marías Araújo. Madri: Instituto de Estudios Políticos, 1970.
- BATISTA, Irmão João. *Vida de José Bento Marcelino Champagnat*. São Paulo: Edição do Bicentenário, 1989.
- BORGES TEIXEIRA, Evilázio Francisco. *A educação do homem segundo Platão*. São Paulo: Paulus. 2ª ed., 1999.
- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Cortez, 1979.
- CHAMPAGNAT, Marcelino. *Cartas*. São Paulo: Simar, 1997.
- CRESTANI, A. P.; CRESTANI, F. A. *Fundamentos Psicológicos da Educação Marista*. São Paulo: Loyola, 1994.
- FRANKL, Viktor. *Um Sentido para Vida*. Aparecida: Santuário, 1993.
- FURET, Fr. Jean Baptiste. *Avis, Leçons, Sentences et Instructions*. Lyin: Librairie Catholique Emmanuel Vitae, 1914.
- GALLATIN, J. *Adolescência e Individualidade*. São Paulo: Harbra Editora

Educação

Harper & Row do Brasil Ltda, 1978.

GUIDE DES ÉCOLES. 4 ème éd. Societé de Saint Jean L'Evangeliste. Desclée & Cie, 1938.

LUKAS, Elizabeth. *Mentalização e Saúde*. Petrópolis: Vozes, 1990.

MANENTI, Alessandro. *Vocação, Psicologia e Graça*. São Paulo: Loyola, 1990.

NUTTIN, Joseph. *Psicanálise e Personalidade*. Rio de Janeiro: AGIR, 1967.

PLATÃO, *As Leis e Epínomis*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Pará: Universidade Federal do Pará, 1980.

RULLA, Luigi Maria S.J. *Antropologia da Vocação Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1987.

SPITZ, René. *O primeiro ano de Vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

TEIXEIRA, Anísio. *Pequena introdução à Filosofia da Educação: a escola progressiva ou a transformação da escola*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1971. p. 146-50.

Educação